

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E TRADUÇÃO: UM ESTUDO DA POESIA DE PAUL LAURENCE DUNBAR

EMERSON OLIVEIRA CARDOSO<sup>1</sup>; JULIANA STEIL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – oliveiraemerson708@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – julianasteil@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a tradução da poesia de Paul Laurence Dunbar (1872-1906) para a língua portuguesa, especificamente do poema “Happy! Happy! Happy!”, apresentando resultados de um projeto de tradução comentada. Conforme Williams e Chesterman (2002), a tradução comentada é um estudo introspectivo em que o pesquisador que traduz justifica suas escolhas através de comentários que acompanham o texto traduzido. Um dos aspectos mais interessantes do poema selecionado para essa discussão é sua mescla de duas formas de escrita: o inglês padrão e a representação de uma variedade dialetal.

A motivação para essa pesquisa vem do interesse em traduzir a poesia de Dunbar, que é muito estudada em sua cultura de partida, mas que ainda é pouco conhecida no Brasil. De acordo com Borges (2007), Dunbar foi um escritor prolífico, tendo produzido contos, romances e poemas, muitos deles escritos em dialeto afro-americano, uma questão central para este estudo.

Com base no que foi observado por Araújo e Hanes (2020), é possível dizer que ainda há poucos estudos sobre a tradução de dialeto afro-americano para o português brasileiro. Nesse sentido, é um objetivo da pesquisa contribuir para o debate sobre os desafios de se traduzir uma variedade não padrão da língua. Para refletir sobre a tradução da poesia de Dunbar em língua portuguesa, utilizamos a abordagem da tradução poética proposta por Britto (2012), bem como investigamos a questão do dialeto em tradução.

### 2. METODOLOGIA

Para desenvolver o projeto de tradução comentada, um “gênero acadêmico-literário” em que o texto literário é acompanhado pelas justificativas acerca do processo tradutório (TORRES, 2017, p. 15), foi necessário, em uma primeira etapa, um estudo biográfico do autor, assim como um levantamento de pesquisas sobre suas obras e de traduções anteriores para o português. Nesse momento, foram analisadas questões como o contexto em que os textos de Dunbar foram produzidos, bem como a posição que ocupam no “polissistema literário” (Even-Zohar, 2012) estadunidense. O estudo sobre o autor e os textos críticos a respeito de sua escrita em dialeto na poesia ajudaram na seleção de três de seus poemas, entre eles “Happy! Happy! Happy!”, por se tratar de um poema epistolar que apresenta dois registros de escrita, inglês padrão e dialeto afro-americano.

Na etapa seguinte foi feita a tradução desses poemas, tomando como base o argumento de que “a poesia não pode (ou não deve) ser propriamente traduzida, mas sim recriada” (BRITTO, 2012, p. 119). Assim, foram buscadas soluções que pudessem corresponder, na língua de chegada, aos elementos

criativos dos textos de partida. Auxiliaram nessa tarefa uma série de ferramentas, como dicionários físicos e *on-line*. Nessa fase também foram feitas anotações sobre os desafios tradutórios, bem como possíveis soluções para contorná-los.

Por fim, na terceira etapa, as anotações feitas durante o processo tradutório foram sistematizadas e consideradas em relação com as referências teóricas adotadas, de modo que pudesse ser elaborado um texto que discutisse os resultados obtidos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda há poucas traduções de Paul Laurence Dunbar em português brasileiro e são raros os estudos críticos sobre sua obra no Brasil.

Para contextualizar o trabalho feito, cabe lembrar que o poeta, contista e romancista Paul Laurence Dunbar nasceu em Dayton, Ohio, filho de pais ex-escravizados. Dunbar destacou-se no realismo, sendo um dos primeiros afro-americanos a viver de sua literatura (SILVA, 2020). Durante sua curta vida, o autor produziu centenas de poemas, quatro romances e quatro coletâneas de contos (WRIGHT STATE UNIVERSITY, c2021). Estudiosos de Dunbar apontam sua peculiaridade em sua maneira de representar a oralidade afro-americana através da escrita. Essa visão costuma ser acompanhada de julgamentos, uma vez que “esse foi um mercado outrora exclusivo de autores brancos saudosos dos tempos da escravidão” (SILVA, 2020, p. 130).

De acordo com Nurhussien (2007), por conta dessa associação pejorativa, Dunbar precisou reinventar seu estilo, sendo essa a razão para a produção de um poema como “Happy! Happy! Happy!”. Ainda conforme Nurhussien (2007), o poema apresenta a correspondência entre dois amantes, Mandy e Julius. No poema, Mandy despreza seu amante, alegando que ela está em um nível social mais elevado. Enquanto nos versos de Mandy é possível perceber o registro padrão da língua inglesa, os versos de Julius são escritos em dialeto afro-americano.

Paganine e Fortunato (2020) definem esse dialeto afro-americano, a variedade conhecida como *African American Vernacular English*, como uma variedade falada por pessoas negras nos Estados Unidos. Essa variedade, segundo as autoras, surgiu pelo contato das línguas africanas faladas pelos escravizados e o inglês que adquiriram ao serem levados para o Sul. Por ser um desvio da norma culta da língua, essa variação foi estigmatizada e associada a uma suposta falta de cognição dos afro-americanos, o que foi duramente criticado por William Labov, que reconheceu a variedade como um fenômeno linguístico tão dotado de lógica quanto a variedade usada pela classe média (PAGANINE; FORTUNATO, 2020, p. 41).

Na tradução de “Happy! Happy! Happy!”, buscou-se um efeito de estranhamento correspondente. Como observa Britto (2012), não existe correspondente exato dessa variedade em português brasileiro; o trabalho foi, então, de recriar a linguagem informal, marcada pelo estigma. Foi, assim, utilizada uma variedade subpadrão do português brasileiro para traduzir os versos em dialeto, fazendo contraste com os versos escritos de acordo com a norma culta da língua.

Apesar de a variedade utilizada na tradução não ser um correspondente ideal no que se refere ao dialeto representado no poema de Dunbar, a escolha por marcar esses discursos que fogem da norma padrão não deixa de ser, como argumentam Araújo e Hanes (2020), uma forma de resistência quanto às

estratégias de apagamento dessas diferenças, as quais já foram muito adotadas por tradutores ao lidar com o dialeto afro-americano na literatura e na legendagem (ARAÚJO; HANES, 2020).

#### 4. CONCLUSÕES

Apesar das críticas de que o registro utilizado por Dunbar em sua poesia reforçaria estereótipos raciais, deve-se levar em conta que, no período, pode ter sido a forma possível, para os padrões da época, de um escritor negro representar a sua cultura e poder fazer carreira literária a partir disso (BORGES, 2007). Essa oralidade representada é central em “Happy! Happy! Happy”, fazendo parte de sua sofisticada construção poética. Desse modo, a reflexão realizada chega à conclusão de que marcar a oralidade representada nos versos de Dunbar é importante em sua tradução, uma vez que ela é um elemento tão fundamental de sua lírica quanto elementos formais como o ritmo.

Espera-se que este breve estudo de tradução comentada da poesia de Dunbar possa cumprir sua contribuição para o debate sobre a literatura afro-americana e sua tradução no Brasil.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Diana Ribeiro; HANES, Vanessa Lopes Lourenço. A tradução do inglês afro-americano em obras fílmicas: reflexões sobre três estudos de caso. **Translatio**. Porto Alegre, n. 20, Dezembro de 2020.

BORGES, Antônio Cristiano. **De Jim Crow a Langston Hughes: Quando a música passou a ser outra**. Universidade de Lisboa, 2007.

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

EVEN-ZOHAR, I. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Tradução de Leandro de Ávila Braga. **Revista Translatio**, Porto Alegre, n. 3, p. 310, 2012.

NURHUSSIEN, Nadia. Paul Laurence Dunbar's Performances and the Epistolary Dialect Poem. **African American Review**, Volume 41, Number 2, 2007.

PAGANINE, Caroline; FORTUNATO, Isadora. Tradução literária e variação linguística em “One Christmas Eve”, de Langston Hughes. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 33-49, 2020.

PAUL LAURENCE DUNBAR: SELECTED WORKS. **Wright State University**, Dayton, c2021. Special Collections & Archives. Disponível em:

<https://www.libraries.wright.edu/special/dunbar/resources>. Acesso em: 08 ago. 2021.

SILVA, Felipe Vale da. **O romance como um acerto de contas. Um retrato de Paul Laurence Dunbar no final de sua carreira.** Posfácio de *O Joguete dos deuses* (*The Sport of the Gods*, 1902). São Paulo /Londrina: Aetia Editorial, 2020, p. 129-145.

TORRES, M.H.C. Por que e como estudar a tradução comentada?. In: FREITAS, L.F; TORRES, M.H.C; COSTA, W.C. **Literatura Traduzida: Tradução comentada e comentários de tradução**, Vol.2. Substansia, 2017. Cap.1, p.15-35

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN; A. The Map. In: WILLIAMS, J.; CHESTERMAN; A. **A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies**. Manchester: St Jerome Publishing, 2002.